

Dostoiévski, um escritor do século XXI

Vladimir Zakhárov*

Resumo: Dostoiévski ingressou na literatura russa e mundial com *uma nova palavra* sobre o Homem e sobre o mundo. Em suas obras é possível encontrar algo inexistente em outros autores.

A experiência do conhecimento sobre o Homem, o universo, a Rússia e Deus continua sendo buscada em Dostoiévski ainda hoje por milhões de leitores. Questionando a si mesmo e a outros sobre os enigmas (o Homem é um mistério, a beleza é um segredo, a Rússia é a esfinge), Dostoiévski criou modelos universais de busca por respostas a essas e outras perguntas.

As descobertas antropológicas de Dostoiévski reviraram as representações iniciais sobre a literatura e o Homem. Os personagens de Dostoiévski são constantemente chamados de “homens insignificantes”, mas para o autor todos os Homens são grandes, todo protagonista é tão genial quanto o autor: “Cada um e cada uma de vocês é mais inteligente que Voltaire, mais sensível que Rousseau”, cada um tem o “século de ouro no bolso”.

A crítica contemporânea não deu atenção às categorias da antropologia de Dostoiévski como *obshetcheloviek* e *vsetcheloviek*. “*Obshetcheloviek*” é um cosmopolita, europeu abstrato, sem raízes e sem terra, enquanto ser um “*vsetcheloviek*” é tornar-se um verdadeiro *cristão*. “Encontrar o homem no Homem” significa humanizar o Homem, reconstruir a imagem de Deus. Dostoiévski coloca como oposição à máxima universal: “o Homem é a medida de todas as coisas” uma outra máxima: “Cristo é a medida de todas as coisas”. Essa verdade ajuda a entender as contradições dos personagens do autor. O autor combina os opostos, une as antinomias, convence negando. Ao invés da conclusão lógica, é apresentada uma imagem: a aparição de Cristo nas palavras e na Palavra, nas citações e reminiscências, nas confissões e nos diálogos.

As perguntas e respostas de Dostoiévski revelam o grande potencial educacional e profético da literatura russa.

Palavras chaves: Dostoiévski; antropologia; Humano; *obshetcheloviek*; *vsetcheloviek*; profecia; pregação; Ortodoxia.

Аннотация: Достоевский вошел в русскую и мировую литературу с *новым словом* о человеке и мире. В его произведениях по-прежнему находят то, чего нет у других авторов. Опыт познания Достоевским человека, мира, России, Бога

* Vladimir Nikoláievitch Zakharov é Presidente da Sociedade Internacional de Dostoiévski desde 2013 e diretor da Fundação de Ciências Humanas da Rússia. Entre outros, é autor dos livros "O Fantástico em estética e a obra de Fiódor Dostoevski", sua tese de Doutorado, e "O sistema de gêneros em Dostoiévski: tipologia e poética", sua tese de livre-docência, ambas defendidas na Universidade Estadual de Petrozavodsk, da qual é professor emérito. É autor de mais de 300 artigos sobre a obra de Dostoiévski e a literatura russa em geral, com publicações em vários países da Europa, nos EUA e no Japão. Organizou e publicou uma edição das *Obras Completas de Dostoiévski em 20 volumes* pela Editora da Universidade de Petrozavodsk, num trabalho em que recupera a mesma ortografia e pontuação apresentadas nos textos originais de Dostoiévki.

востребован миллионами читателей. Задавая себе и другим загадки (человек есть тайна, красота — загадка, Россия — сфинкс), Достоевский создал универсальные модели поиска ответов на эти и другие вопросы.

Антропологические открытия Достоевского переворачивают привычные представления о литературе и о человеке. Героев Достоевского часто называют «маленькими людьми», но у него каждый человек велик, каждый герой конгениален автору, «каждый и каждая из вас умнее Вольтера, чувствительнее Руссо», у каждого — «золотой век в кармане».

Современная критика оставила без внимания такие категории антропологии Достоевского, как *общечеловек* и *всечеловек*. «Общечеловек» — космополит, отвлечённый европеец без корней и без почвы. Быть *всечеловеком* — стать совершенным *христианином*. «Найти в человеке человека» — очеловечить человека, восстановить образ Божий. Известному гуманистическому принципу («человек — мера всех вещей») Достоевский противопоставил иной: «Христос — мера всех вещей». Эта истина помогает разобраться в противоречиях героев и автора. Автор совмещает противоположности, формулирует антиномии, убеждает отрицая. Вместо логического вывода автор даёт образ: явление Христа в словах и Слове, в цитатах и реминисценциях, в исповедях и диалогах. Ответы и советы Достоевского раскрывают огромный учительный и пророческий потенциал русской литературы.

Ключевые слова: Достоевский; антропология; человек; общечеловек; всечеловек; пророчество; проповедь; Православие

Às vésperas do centenário de nascimento de Dostoiévski, Berdiáiev escreveu:

“Agora Dostoiévski está mais próximo de nós do que nunca. Estamos nos aproximando dele”.[†]

O livro “A visão de mundo de Dostoiévski” foi concluído em Moscou, em 23 de setembro de 1921, e publicado em Praga, em 1923. Entre essas datas ocorreu a fatídica expulsão do filósofo da União Soviética, mais precisamente em 29 de setembro de 1922.

Até mesmo parece que isso foi dito nos dias de hoje; tudo continua igual: “nos aproximamos de Dostoiévski”, existe a mesma ausência de uma “abordagem completa”, a mesma pluralidade de pontos de vista sobre as perspectivas relacionadas ao estudo de sua obra.

“Muita coisa já foi escrita sobre Dostoiévski. Muita coisa interessante e verdadeira foi dita sobre ele. Mas, mesmo assim, ainda falta uma abordagem mais completa. Dostoiévski foi abordado de diferentes “pontos de vista”, foi julgado a partir de diferentes compreensões de mundo, e as várias faces de Dostoiévski foram ora se abrindo, ora se fechando a partir disso. Para alguns ele foi, antes de tudo, um defensor dos “Humilhados e ofendidos”, para outros: “um talento cruel”, para outros: um profeta

[†] Berdiáiev, N. *Mirosozertsánie Dostoiévskogo. (A visão de mundo de Dostoiévski)*. Praga: Editora YMCA Press Ltd. 1923, p. 34.

de um novo cristianismo; o criador do *Homem do subsolo*, para outros ainda ele era acima de tudo um verdadeiro cristão ortodoxo e porta-voz da ideia messiânica russa.”[‡]

Berdiáiev enumerou praticamente todos os principais mitos críticos-literários sobre Dostoiévski. Além disso, é possível adicionar mais alguns: o freudiano, o bakhtiniano e o existencial, mas, de resto, é como se nada tivesse mudado ao longo de cem anos.

Qual é o motivo da contemporaneidade eterna de Dostoiévski?

Ainda em vida, Dostoiévski foi valorizado por poucos leitores e menos ainda pelos críticos. As tiragens de Dostoiévski eram significativamente menores, se comparadas com as de Turguêniev e Tolstói. Quando os críticos enumeravam os escritores russos expoentes, com frequência esqueciam-se do nome de Dostoiévski, e seu nome aparecia com menos frequência até mesmo que o de Aleksei Píssemski[§].

Dostoiévski não tinha ilusões quanto a uma glória pós-morte, por alguma razão, ele tinha certeza de que dez anos após sua morte já teria sido esquecido.

Ele se enganou: a sua experiência e conhecimento sobre o Homem, o universo, a Rússia e Deus continua sendo buscada ainda hoje por milhões de leitores.

Questionando a si mesmo e a outros sobre os enigmas (o Homem é um mistério, a beleza é um segredo, a Rússia é a esfinge), Dostoiévski criou os modelos de busca por respostas a essas e outras perguntas, que não apenas permanecem atuais como se acentuam ao longo do tempo.

É evidente que o leitor moderno encontra nas obras de Dostoiévski algo que não existe em outros autores.

Mas o que exatamente?

Ainda no início de sua vida, aos dezessete anos, Fiódor Dostoiévski escreveu ao seu irmão Mikhail: “O Homem é um mistério. É preciso decifrá-lo, e caso tenha que decifrá-lo ao longo de toda a vida, não diga que perdeu tempo, eu me ocupo com esse mistério, pois quero ser um Homem”. (*D18*, 15, livro 1; 33).^{**}

Essa ideia se tornou um lema de sua obra.

As palavras do escritor, de que decifrar o mistério do Homem significa se tornar um Homem soam enigmáticas. Não se trata de se tornar um escritor ou um pesquisador, mas sim um Homem.

Foi sobre isso que Dostoiévski escreveu em seu caderno de anotações. A nota é tão complexa e profunda, que é melhor dividi-la em fragmentos: “Diante de um realismo pleno, encontrar o homem no Homem. Essa é uma característica russa por excelência, e nesse sentido, é claro, eu pertencço ao povo, (pois a minha orientação provém das profundezas do espírito cristão do povo)”.

Como entender esse realismo “pleno”? Que realismo pode não ser considerado “pleno”? Para que procurar “o homem no Homem”? O que está por trás dessa tautologia? Por que “encontrar o humano no Homem” - esse é “um traço russo por

[‡] Idem, p.10.

[§] Aleksei Fiofiláktovitch Píssemski, nascido em Kostromá 1820, falecimento em São Petersburgo 1881[N. do T.].

^{**} Aqui e doravante, os textos de Dostoiévski serão citados no presente artigo de acordo com a edição e com as indicações do volume, paginação ou indicação do local e unidade de arquivamento:

D1883 - Dostoiévski, F. M. *Obras Completas*. Volume I. Biografia, cartas e anotações. São Petersburgo, 1883.

D18 - Dostoiévski, F. M. *Obras Completas*: Em 18 volumes. [Revisor científico: Zakhárov, V. N.] Moscou: Editora Voskressiénie, 2003-2005.

D30 - Dostoiévski, F. M.. *Obras Completas*: Em 30 volumes / Coleção rara. [Revisão de Bazánov, V.G.e outros]. Leningrado: Editora Naúka, 1972-1990, 1972-1990.

RGALI - Arquivo Estatal Russo de Literatura e Arte.

excelência”? O que está por trás das palavras do autor: “nesse sentido, é claro, eu pertencço ao povo (pois a minha orientação provém das profundezas do espírito cristão do povo)”? Como a busca “do homem no Homem” estaria relacionada à ideia de *restabelecimento* do Homem como o sentido principal de toda a arte do século XIX? Não seria esse mesmo desejo de restabelecer o homem no Homem que inspirou Balzac e Hugo?

Dostoiévski profetiza: “Embora hoje o povo russo não me conheça, no futuro ele me conhecerá.”

E questiona: “Me chamam de psicólogo: não é verdade, sou apenas um realista no sentido elevado da palavra, ou seja, expresso todas as profundezas da alma humana.” (RGALI. 121.I.17, p. 29; publicados inicialmente em *D1883*, 73).

O que significa a expressão “realista no sentido elevado”? Quais seriam as “profundezas da alma humana”? Qual a relação da sua análise de todas as profundezas da alma humana com as profundezas do espírito cristão popular?

Em sua época, Dostoiévski ingressou na literatura russa e mundial com uma nova palavra sobre o Homem. Ele apresentou Makar Diévuchkin ao leitor, mais do que um tipo social e literário; ele não é apenas humano em seu altruísmo, apesar da insignificância de sua aparência externa, em seu caráter e personalidade há algo que faz com que ele seja mais importante do que muitos outros personagens não só da literatura russa, como também da mundial. Pode haver tipos mais inteligentes e educados do que Makar Diévuchkin (como por exemplo, Tchátski, Oniéguin, Petchórin, Andrei Bolkónski e Pierre Bezúkhov), é possível ser mais impecável do que ele (como, por exemplo, a ideal Tatiana Lárina de Púchkin), mas há poucos na literatura russa que podem se igualar a ele quando falamos do potencial espiritual da personalidade, rapidez de sua transformação espiritual na palavra e pela Palavra. Um simples funcionário público que se transforma em escritor, em um verdadeiro escritor, para o qual a elaboração das cartas se torna o sentido de sua existência espiritual, que na palavra toma consciência de si mesmo e do mundo, que obtém o poder criativo sobre a palavra dita e omitida. O potencial da personalidade de Makar Diévuchkin não tem limites. A dinâmica de desenvolvimento da consciência do protagonista é incomparável.

Makar Diévuchkin foi a primeira revelação da grande ideia de Dostoiévski: “a ideia de *restabelecimento* do Homem”, que ele assumiu como o principal sentido de toda a arte do século XIX.

“Essa ideia cristã e de extrema moralidade, cuja fórmula é o restabelecimento de um Homem perdido, esmagado injustamente pela opressão das circunstâncias, da estagnação de séculos e dos preconceitos sociais. Essa ideia é a justificativa das camadas da sociedade humilhadas e ignoradas por todos” (*D18*, 5; 190).

Dostoiévski reconhece o mérito de Vitor Hugo “de ser praticamente o primeiro a anunciar” essa ideia, porém observa: “É claro que essa não é uma invenção só de Vitor Hugo; pelo contrário, estou certo de que ela é uma parte indissociável e talvez seja uma necessidade histórica do século dezenove.” (*D18*, 5; 191).

Assim como os personagens de Vitor Hugo, Makar Diévuchkin personifica o amor e o desejo de justiça, mas, além deles, a consciência de estar certo, e das suas forças, plenas e intermináveis, mas há algo essencial que os difere.

Nas primeiras cartas, Makar Diévuchkin lamenta por não ter um estilo, por ter dificuldade em expressar a ideia por meio da palavra. Ele sente dificuldades em descrever alguns objetos, mas, durante o processo de troca de correspondências, o tom de suas cartas é alterado, ele percebe que seu estilo está se formando. Ele consegue dar conta de temas que não conseguia no início das correspondências. O herói alcança o

dom da palavra. A última carta escrita, porém não entregue, uma carta sem referência a Várienka, sem data e sem endereço, conclui o enredo do romance. Dostoiévski mostra não apenas a transformação de um Homem que escreve em escritor, ele mostra como nas palavras do protagonista acontece o surgimento da Palavra.

Dostoiévski não apenas descobre o homem no Homem, não apenas descobre nos personagens a imagem divina, revela o gênio no mais "humilhado" dos homens.

Com essa transformação de Makar Diévuchkin, o escritor iniciante balançou leitores experientes, ou seja, os críticos russos. Dostoiévski foi declarado, merecidamente, um gênio.

Os personagens de Dostoiévski são constantemente chamados de “homens insignificantes”. Do ponto de vista social isso pode realmente ser verdade, porém, no sentido ontológico não é assim. Dostoiévski parte do princípio de que não há Homens pequenos. Para ele cada Homem é grande. Cada herói é tão genial quanto o autor.

Quem em nosso auditório estaria seguro para dizer sobre si mesmo: eu sou um gênio, eu sou um Shakespeare?

Já Dostoiévski, ao descrever convidados triviais em um salão de baile entediante, diz aos leitores de *O diário do escritor* que cada um é um gênio, “cada um e cada uma de vocês é mais inteligente que Voltaire, mais sensível que Rousseau”, que cada um é um Shakespeare.

“E eu lhes dou a minha palavra de que nem em Shakespeare, nem em Schiller, nem em Homero, se forem colocados todos juntos, não poderia ser encontrado algo tão maravilhoso como aquilo que pode ser encontrado agora, nesse instante, entre vocês, nesse salão de baile. Que Shakespeare coisa nenhuma! Aqui poderia surgir algo com que nem os nossos sábios sequer sonhariam. Mas, o que dá pena nisso é que nem vocês sabem mesmos o quanto são maravilhosos!” (D18, 11; 284–285).

Cada um tem o “século de ouro no bolso”.

Dostoiévski insiste que: “isso não é um paradoxo, mas a mais pura verdade...” (D18, 11; 285)

Em qual dos escritores modernos é possível encontrar semelhante revelação?

Dostoiévski chamou o personagem de sua segunda obra de Goliádkin: “um grande tipo, por sua importância social, que eu fui o primeiro a descobrir e anunciar” (D18, 15. Livro 1; 259), “o meu principal tipo do subsolo” (D30, 21; 264).

O “subsolo” é uma metáfora e Dostoiévski deu a ela um significado simbólico. A palavra tornou-se um sinal de estado especial, porém típico, na opinião do escritor. Assim é chamado aquilo que “sobra” da personalidade que o Homem não utiliza na comunicação social. É aquilo sobre o que o Homem se cala. Ele permanece calado por vinte anos, como um adepto dos paradoxos; por noventa anos, como o grande inquisidor.

Na concepção do Homem o *subsolo* possui sentidos diferentes. Dostoiévski costumava atribuir ao conceito de “subsolo” um sentido ético, caracterizando a consciência ateuista: “O motivo do subsolo é a destruição da fé nas regras gerais. Não há nada sagrado.” (D30, 16; 330).

Trata-se de uma condição trágica:

“Só eu trouxe o caráter trágico do subsolo, que consiste no sofrimento, na auto-flagelação, na consciência do que é melhor, porém sem a possibilidade de atingi-lo, e, o principal, na convicção clara, desses infelizes, de que todos os outros seriam assim e, portanto, não haveria sentido mudar! O que pode dar força para aqueles que querem se corrigir? Uma recompensa, fé? A recompensa, não virá de ninguém; fé, ninguém tem! Mais um passo adiante, e aí está a completa depravação, o crime (assassinato). Mistério.” (D30, 16; 329).

À crítica impiedosa, Dostoiévski submeteu ilusões humanistas e iluministas da antropologia, tais como: “O Homem é a medida de tudo”, o homem é um ser racional, a ciência e progresso trarão felicidade ao Homem e à humanidade.

A isso se opõem o irracionalismo, o dualismo, o subsolo, aos quais se costuma limitar a antropologia de Dostoiévski. Eles foram amplamente descritos na crítica científica e filosófica. A eles se reduz o assim chamado “*tipo Dostoiévskiano*”:^{††} o homem é repugnante e mal; os personagens de Dostoiévski “não têm precedentes”, são “humilhados”, “inexistentes” e “doentes”. Assim os críticos chamavam os personagens de Dostoiévski nos títulos das resenhas de seus romances.^{‡‡}

Na novela *O duplo* há tanto a dualidade quanto o subsolo do protagonista, porém em um enredo fantástico não ocorre a dualidade, mas sim a duplicação do personagem: surgem dois Iákov Petróvitch Goliádkin totalmente iguais: o mais velho – autêntico, verdadeiro, e o mais novo – falso; o primeiro – medíocre, o segundo – infame; um – inocente e simplório, o outro – despersonificado, todo em função do meio, e assim por diante. O absurdo da situação fantástica se acentua pelo fato de os dois Goliádkin terem não apenas o mesmo sobrenome, mas também o mesmo patronímico e o mesmo nome.
§§

Na novela, o autor não revela a autoconsciência do personagem, mas o fenômeno da verdade. E nesse Homem, Dostoiévski encontrou o homem. Um não deve fazer a vez do outro ou substituí-lo, cada um é único.

As descobertas de Dostoiévski transformaram a compreensão habitual sobre a literatura e o Homem.

Ao apreciar profundamente tais descobertas psicológicas do escritor, como o irracionalismo, o dualismo, o subsolo, os críticos deixaram de fora outras categorias de sua antropologia, entre elas: *obschetcheloviek* e *vsetcheloviek*.

O *Obschetcheloviek* (*общечеловек*) é um tipo específico do homem russo surgido após as reformas de Pedro I. Diferentemente dos ingleses, alemães e franceses, que conservam a sua nacionalidade, o “*obschetcheloviek*” russo tende a ser o que for, menos russo. Ser um “*obschetcheloviéek*” significa ser um europeu abstrato, sem raízes e sem terra.

Vsetcheloviek (*всечеловек*) é uma palavra rara no idioma russo. No vocabulário de Dostoiévski o epíteto *vsetcheloviek* surge em 1860 (no “Anúncio da publicação da revista *Vremia*”) e o substantivo universalidade (*vsetcheloviéetchestvo*) surge na

^{††} Crítica sobre o assunto, ver em: Zakhárov, V. The Dostoevsky Syndrome. In: *The New Russian Dostoevsky: Reading for the Twenty-First*. Edited by Carol Apollonio. Translated by Carol Apollonio with Joseph Fitzpatrick, Daniel Shvartsman, John Wright & Aura Young. Bloomington, Indiana, 2010, p. 9-24. Zakhárov, V. N. Imia avtora – Dostoevski. *Ocherk tvorchestva* (Nome do autor – Dostoiévski. *Estudo da obra*). Moscou: Editora Indrik, 2013, p. 17-31.

^{‡‡} Dobrolúbov N. A. Zabítye liudi. (Pessoas esquecidas). (Obra de F. M. Dostoiévski. Dois volumes. *Humilhados e ofendidos*, romance em 4 capítulos de F. M. Dostoiévski). In: *Sovreménnik*, 1861. Setembro, p. 99–149. Assinatura: N. Dob; Zárin, E. F. Nebyválye liudi. [Pessoas inexistentes]. (*Uníjennye i oskorbliónnye* [*Humilhados e ofendidos*]). Romance de F. Dostoiévski). In: *Bibliotéka dliá tchtiénia*, 1862. Janeiro. *Sovremenaia liétopis*. Artigo de Zárin E.F., p. 29-56. Fevereiro, p. 25–42; Tkatchióv P. N. Bolnye Liudi. [Pessoas doentes]. “Os demônios”, romance de Fiódor Dostoiévski em três capítulos). In: 1873. Março. *Sovreménnoe Obozrenie*, p. 157–179. Assinado por P. N. Tkatchióv.

^{§§} A argumentação sobre a concepção de fantástico pode ser vista em: Zakhárov, V. N. *Fantastícheskoe v estétike e tvórtchestve F.M. Dostoiévskogo*. [O Fantástico na estética e na obra de F. M. Dostoiévski]. Tese para obtenção do título de Doutor. Universidade Estatal Otto Ville Kuusinen. Petrozavodsk, 1975, p. 5- 16; Zakhárov V. N. *Problémy izutchiénia Dostoiévskogo*. [Problemas do estudo de Dostoiévski], Manual de curso. Petrozavódk, 1978, p. 23-74; Zakhárov, V. N. *Sistema jánrov Dostoiévskogo: Tipológuia i poétika*. [Sistema de gêneros em Dostoiévski – Tipologia e poética]. Editora LGU, 1985, p. 65-95; Zakhárov, V.N. *Imia ávtora – Dostoiévski. Otcherk tvórtchestva*. [Nome do autor – Dostoiévski. *Estudo da obra*]. Moscou: Editora Indrik, 2013, p. 7-8, 88-133.

“Introdução” a uma “Série de artigos sobre a literatura russa” em 1861, as palavras *vsetcheloviek*, incluindo *vsetcheloviéchesvo*, foram usadas em artigos, cartas e notas em diários entre os anos de 1860-1870. Essa palavra com letra maiúscula foi usada por N. Daniliévski para denominar o Cristo (1869)^{***}. Entre os anos de 1876-1881, Dostoiévski utilizava a palavra *vsetcheloviek*, com letra minúscula, no sentido de ser um perfeito cristão. Essa palavra expressou o sentido sagrado do discurso sobre Púchkin. Foi justamente Dostoiévski que introduziu a palavra *vsetcheloviek* na literatura e na filosofia russa.

K. Leóntiev não compreendeu o sentido dessa palavra ao apresentar o *vsetcheloviek* como um *obschetcheloviék*: terrível, europeu, liberal, cosmopolita^{†††}. Essa substituição errônea (de *Obschetcheloviék* ao invés de *vsetcheloviek*) é típica da crítica literária e filosófica russa do século XX.

Para Dostoiévski “encontrar o homem no Homem” significa humanizar o homem, reconstruir a imagem de Deus. Ser russo é ser *vsetcheloviek*, um cristão. O personagem de Dostoiévski carrega em si toda a plenitude possível do criador e da criação.

Dostoiévski coloca como oposição à máxima universal: “o Homem é a medida de todas as coisas” uma outra máxima: “Cristo é a medida de todas as coisas”.

Essa verdade ajuda a entender as contradições dos personagens do autor, a encontrar a lógica no absurdo, nos paradoxos e nos “paradoxos dos paradoxos”. Para muitos personagens as palavras representam a mentira, a palavra nega a palavra e muitas vezes, nas falas das personagens surge o efeito de negação da negação. O autor combina os opostos, une as antinomias, convence negando. Ao invés da conclusão lógica ele apresenta uma imagem: a aparição de Cristo nas palavras e na Palavra, nas citações e reminiscências, nas confissões e nos diálogos.

A palavra cria o homem. Na alma dos seus personagens “todas as contradições vivem juntas”, “Deus luta com o diabo”, encontram-se “o ideal de Madonna” e “o ideal de Sodoma”, mas sempre existe a possibilidade de saída, se tudo for resolvido de forma justa, ou seja, se o homem estiver em harmonia não só com as outras pessoas, mas principalmente com Cristo.

Por exemplo, seria possível mentir até chegar à verdade? Razumíkhin acredita que seja possível “pois estamos num caminho nobre”.

Quem gostaria de sofrer?

Todo homem, intuitivamente, tenta evitar o sofrimento, ainda que tenha motivos de sobra para sofrer: na vida de todos há algo que não está de acordo, que não é aquilo que ela quer ou com que ela sonha. É impossível viver e não sofrer. A vida é sofrimento.

Dostoiévski afirma categoricamente: “Não há felicidade no conforto; a felicidade se compra com sofrimento.”

*** Daniliévski N. Ia. *Rossia i Evropa*. [Rússia e Europa]. In: *Zariá*, 1869. № 3, p. 33-34.

††† A crítica sobre o “*vsetcheloviek*” está apresentada na controvérsia de K. Leóntiev com o discurso puchkiniano de Dostoiévski no artigo “O vsemírnoi liubví” [Sobre o amor universal]. *Rietch F.M. Dostoiévskogo na puchkinskom prazdnike* [O discurso de Dostoiévski em homenagem a Púchkin], 1880 (N. do T. – Tradução para o português em: *Antologia do Pensamento Crítico Russo*, São Paulo: Editora 34, 2013, p. 407-423), posteriormente reeditado em brochura: Leóntiev, K. N. *Náshi nóvyie khristiáne, Fiódor Dostoiévski i Liev Tolstói* [Nossos novos cristãos: Fiódor Dostoiévski e Liev Tolstói]. (Po povodu riétchi Dostoiévskogo na prázdnike Púchkina i póvesti Tolstogo “*Tchem liúdi jivi?*” (Sobre o discurso de Dostoiévski em homenagem a Púchkin e a novela de Tolstói “Do que vivem as pessoas”). Moscou, tipografia de E.I. Pogódin, 1882); o epíteto “terrível” pode ser encontrado em nota de 1885 sobre o artigo “Kak nado ponimat’ sbližénie s naródom” (Como deve ser entendida a aproximação com o povo) (1880) – ver Leóntiev, K. N. *Obras Completas*. Volume 7. São Petersburgo: “Diéiatel”, 1913, p. 243.

As suas palavras contradizem todas as orientações da civilização moderna, cujo lema é "a felicidade está no conforto".

Dostoiévski está convicto de que: a felicidade é obtida por meio do sofrimento.

Ou então: "O Homem não nasce para a felicidade. O Homem tem que merecer a sua felicidade, e sempre por meio do sofrimento."

Desde a infância, na consciência do leitor russo é introduzida uma outra frase, posteriormente proferida por Vladimir Koroliénko: "O Homem nasce para a felicidade assim como o pássaro nasce para o vôo."^{†††}

Quem tem razão? Koroliénko ou Dostoiévski?

Os personagens de Dostoiévski estão "predestinados" a sofrer e viver de acordo com essa e não com outra "lei do nosso planeta"; "comprar" e "merecer" a felicidade com o sofrimento e "a experiência do *pro* e *contra*": "...uma grande felicidade, pela qual se pode pagar com anos de sofrimento." (RGALI (arquivo). 212.I.5, p. 3).

Essas ideais foram expressas em um contexto muito importante.

A elas antecede a fórmula que expressa a ideia do romance, "Crime e castigo":

"Ideia do romance

=1=

Ideologia ortodoxa

No que consiste a ortodoxia"

(D30, 7; 154; ortografia corrigida no manuscrito: RGALI. 212.I.5, p. 3).

No romance não há a exposição da ortodoxia como doutrina, até mesmo a palavra e as derivadas dela estão ausentes nele. O tabu dos conceitos chaves constitui a natureza discursiva do romance. O escritor preferia não discutir o principal, mas mostrá-lo nos acontecimentos e no caráter das personagens.

Ao falar sobre a "ortodoxia" e a "ideologia ortodoxa", Dostoiévski, é claro, não tinha por objetivo a catequese e nem colocava a si mesmo a tarefa de expor no romance a doutrina cristã. Para ele, a ortodoxia era um modo de viver e a essência da visão popular do mundo.

Nessa convicção, Dostoiévski, é claro, é um escritor profundamente russo. É preciso concordar com aqueles que definem a visão de mundo dostoiévskiana como uma visão cristã, enraizada na ortodoxia.

O problema, no entanto, consiste no fato de que esses sentidos não foram capturados pela crítica. A razão disso é banal: eles não são percebidos, nem citados, embora sejam óbvios.

Há dificuldades de natureza gnosiológica.

Cada época descobre o seu próprio Dostoiévski.

Em todo país e cultura ocorre a sua própria atualização do texto de Dostoiévski.

Cada um encontra a si mesmo em Dostoiévski.

A responsabilidade especial nesse caso recai sobre os estudiosos russos contemporâneos, que tentam ler o código cristão de Dostoiévski. Os seus trabalhos descendem diretamente das obras de Nikolai Berdiáiev, Sergei Bulgákov, K. Motchúlski, Nikolai Lósski, Mitropolitó Antoni (Khrapovítski) reverendo Iustin (Popóvitch). Citarei os nomes desses pesquisadores contemporâneos, não todos, porém alguns: V. E. Vetlóvskaia, I. A. Essaúlov, B. N. Tarássov, B. N. Tikhomírov, K. A. Stepanian e T. A. Kassátkina. No entanto, apesar dos seus esforços ativos, a recepção de

^{†††} Koroliénko, V. G. *Obras Completas*. Volume II. São Petersburgo. A.F. Marx 1914, p. 214.

Dostoiévski não mudou nem mesmo na Rússia. Existem muitas razões para isso, mas a principal delas é o enorme abismo histórico que nos separa da Rússia de Dostoiévski, pois já há mais de cem anos vivemos em um outro país.

No caderno de anotações, de 1880, há um tema intitulado por Dostoiévski "A Rússia se deve aprender":

“Nós chegamos até o ponto de precisar aprender a Rússia, estudá-la como se fosse uma ciência, pois perdemos a sua percepção imediata. Nem todos, é claro, e feliz daquele que não perdeu a compreensão imediata do país. Porém, esses são poucos. <...> cada um deles já não é ocidentalista, nem constitui um partido” (RGALI 212.1.17. Página 21).

Se Dostoiévski convocou os seus contemporâneos a “estudar a Rússia”, o que dizer então de nós mesmos? O tempo não diminuiu, pelo contrário, aumentou a nossa ignorância histórica.

A ignorância só pode ser superada de uma forma: se estudarmos a Rússia.

Dostoiévski é extremamente sincero em suas declarações: “Todo o povo russo está na ortodoxia e na sua ideia.” (RGALI. 212.1.17. Página 29).

É justamente a ortodoxia o mistério da Rússia, que muitos, inclusive os próprios russos, não entendem.

Por essa revelação da ideia russa, Dostoiévski é raramente elogiado, pelo contrário, muitas vezes é criticado.

As reflexões de Dostoiévski sobre diversas questões possuem um dominante: uma espécie de "constância na diversidade"

No último número do “Diário de um escritor”, primeiro e único lançado em 1881, Dostoiévski escreveu sobre finanças: o rublo perde o valor, há déficit em todas as partes, bem como as dívidas decorrentes de empréstimos no exterior, a agricultura antiga e nova estão degradadas e "ninguém compra nada", "as fábricas reduzem a produção para o nível mínimo", "todos estão de olho nos bens e no tesouro da pátria".

O conselho de Dostoiévski é paradoxal. Dificilmente um economista político formado o daria: "cuidem das raízes" e tudo se ajeitará, recriem o espírito e o rublo se valorizará, deixará de existir o déficit orçamentário, aumentará o comércio e a produção.

Dostoiévski nos ensina como deve ser entendida a Rússia e seu povo:

“O povo russo, em sua grande maioria, é ortodoxo e vive a ideia da ortodoxia em sua plenitude, embora não compreenda essa ideia de forma clara e científica. *Na essência*, o nosso povo não tem nenhuma ideia além dessa, e tudo parte somente dela, pelo menos o nosso povo quer que seja assim, com todo o seu coração e toda a sua convicção. Ele quer justamente que tudo o que ele tem e tudo que lhe é dado parta apenas dessa ideia. Isso apesar do fato de que muito nesse povo não é proveniente dessa ideia, mas sim daquilo que é fétido, nojento, criminoso, bárbaro e pecador”. (DI8, 12; 365).

Infelizmente, não há aquela Rússia nem aquele povo sobre o qual escreveu o gênio, mas há memórias, tradição, a literatura russa, Dostoiévski.

Sendo assim, o famoso trocadilho que possui muitas variações: o futuro da Rússia (e, como variante, da literatura russa) é o seu passado; não é tão absurdo assim.

Em 1881, Dostoiévski falou sobre “cuidar das raízes”. Hoje, isso seria pouco. É preciso reconstruir as "raízes", enraizar as tradições. Poucos estão preocupados com isso, os políticos, os ministros não leem e não entendem Dostoiévski, mas há um potencial espiritual e as descobertas da literatura russa, há esperança de que a Rússia de Dostoiévski seja reconstruída.

Na Rússia, Dostoiévski ainda não é lido e nem entendido. A Rússia continua sendo a "esfinge" para os próprios russos e para o mundo.

Em todo o mundo, Dostoiévski é um escritor moderno, um profeta que ainda está para ser lido, ouvido e entendido em seu próprio país, que ao ler é possível encontrar e reconstruir o homem no Homem e regenerar o país.

Bibliografia

1. BERDIÁIEV, N. *Mirosozertsánie Dostoiévskogo*. [A visão de mundo de Dostoiévski]. Praga: Editora YMCA Press Ltd., 1923. 238 páginas.
2. ZAKHÁROV, V. N. *Ímia ávtora – Dostoiévski. Ócherk tvórchestva* [Nome do autor – Dostoiévski. Estudo da obra]. Moscou: Editora Indrik, 2013. 456 páginas.
3. _____ *Probliémy izutchéniá Dostoiévskogo*. [Problemas no estudo de Dostoiévski]. Manual de curso. Petrozavódsck, 1978. 110 páginas.
4. _____ *Sistiéma jánrov Dostoiévskogo: Tipológuia i poétika*. [Sistema de gêneros em Dostoiévski – Tipologia e poética]. Leningrado: Editora LGU, 1985. 208 páginas.
5. _____ *Fantástítcheskoe v estétike e tvórtchestve F. M. Dostoiévskogo*. [O Fantástico na estética e na obra de F. M. Dostoiévski]. Tese para obtenção do título de Doutor. Universidade Estatal Otto Ville Kuusinen. Petrozavódsck, 1975. 25 páginas.
6. _____ The Dostoevsky Syndrome. In: *The New Russian Dostoevsky: Reading for the Twenty-First*. [Edited by Carol Apollonio. Translated by Carol Apollonio with Joseph Fitzpatrick, Daniel Shvartsman, John Wright & Aura Young]. Bloomington, Indiana, 2010, p. 9-24.

Tradução de Edelcio Américo (Doutor em Literatura e Cultura Russa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Professor de Língua e Literatura Russa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro).